

“Integração não significa assimilação”

O estudo de Darcy Ribeiro para a Unesco na década de 1950

“Integration does not mean assimilation”: Darcy Ribeiro’s study for Unesco in the 1950s /
“Integración no significa asimilación”: estudio de Darcy Ribeiro para la Unesco en la década
de 1950

Carolina Arouca Gomes de Brito

Doutora em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. Pós-doutoranda na mesma instituição, sob o financiamento do Programa de Pós-Doutorado Nota 10 da Faperj, Brasil.

carolarouca@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o cenário institucional e intelectual que possibilitou a realização do estudo de Darcy Ribeiro sobre os processos de integração e assimilação dos indígenas na sociedade brasileira, chancelado pela Unesco na década de 1950. Destacam-se a metodologia de análise de Darcy Ribeiro e o caminho intelectual que o levou a formular o conceito de transfiguração étnica.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro; Unesco; assimilação; SPI.

ABSTRACT

This article analyzes the institutional and intellectual scenario that made it possible to Darcy Ribeiro to carry out the study on the integration and assimilation processes of indigenous people in Brazilian society, endorsed by Unesco in the 1950s. We highlight Darcy Ribeiro’s methodology of analysis and the intellectual path that led him to formulate the concept of ethnic transfiguration.

Keywords: Darcy Ribeiro; Unesco; assimilation; SPI.

RESUMEN

Este artículo analiza el escenario institucional e intelectual que posibilitó la realización del estudio de Darcy Ribeiro sobre los procesos de integración y asimilación de los pueblos indígenas en la sociedad brasileña, respaldado por la Unesco en la década de 1950. La metodología de análisis de Darcy Ribeiro y el camino intelectual que lo llevó a formular el concepto de transfiguración étnica.

Palabras clave: Darcy Ribeiro; Unesco; asimilación; SPI.

Introdução

Estudos sobre o contato interétnico ganharam contornos expressivos na década de 1950 no Brasil, sobretudo a partir dos trabalhos intelectuais e institucionais dos “antropólogos indigenistas”: Darcy Ribeiro, Eduardo Galvão e Roberto Cardoso de Oliveira. Essa geração de antropólogos desempenhou papel central na constituição dessa linha de pesquisa a partir da composição de etnografias que tornaram claros os conflitos da sociedade nacional diante das frentes de expansão do capitalismo no país, como argumentou Almeida (2004).

Nesse cenário disciplinar da década de 1950 no Brasil, é que Darcy Ribeiro desenvolve grande parte de seus estudos sobre as sociedades indígenas brasileiras, sobretudo durante sua atuação como etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), entre 1947 e 1956. Após a conclusão do curso de bacharelado em ciências sociais na Escola Livre de Sociologia de São Paulo (ELSP), em 1946, Darcy Ribeiro ingressou no SPI, em 1947, sob indicação de seu mestre e orientador na ELSP, o antropólogo alemão Herbert Baldus, ao marechal Rondon, então chefe do Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI), que funcionava como um órgão regulador do SPI.

A contratação de Darcy Ribeiro ocorreu em meio a uma profunda reestruturação do órgão indigenista na década de 1940, que voltou a pertencer ao Ministério da Agricultura, por meio do decreto-lei n. 1.736, de 3 de novembro de 1939, a partir de novas diretrizes de gestão. Além disso, a criação da Seção de Estudos (SE), em 1942, acompanhando a política varguista de “expansão territorial e colonizadora” e também a tendência metodológica de “gestão indigenista” do período, como argumentou Souza Lima (1992), representou uma mudança expressiva na atuação do órgão, que passou a incorporar uma perspectiva científica aos trabalhos de reconhecimento do indígena brasileiro, sobretudo a partir de 1947, quando foram contratados os primeiros especialistas para a SE, o linguista Max Boudin e o etnólogo Darcy Ribeiro (Figueiredo, 2009).

Em 1952, Ribeiro assumiu o cargo de chefe da Seção de Estudos, onde criou o Museu do Índio (1953) e o primeiro curso de pós-graduação em antropologia cultural no Brasil (1955). Ainda na década de 1950, foi professor da cadeira de etnografia brasileira e língua tupi da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1956); participou de inúmeras comissões permanentes ou temporárias e lecionou etnologia brasileira na Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Além disso, participou como membro especialista da formulação do primeiro projeto para a criação do Parque Indígena do Xingu e foi convidado para desenvolver um estudo chancelado pela Unesco, sobre o contato entre índios e brancos no Brasil.

O tema do contato entre índios e não índios, índios e sociedade nacional, índios e brancos ou índios e civilizados – termos utilizados na documentação oficial do SPI – figurou como um dos principais pontos de reflexão antropológica e institucional na trajetória de Darcy Ribeiro como etnólogo especializado do referido órgão governamental. Em sua perspectiva teórico-metodológica, a questão do contato entre indígenas e não indígenas estava vinculada, em geral, aos comprometimentos sociais, demográficos e sanitários a que estariam sujeitos os indígenas.

No início do ano de 1952, Darcy Ribeiro recebeu um convite da Unesco para produzir um estudo sobre a assimilação dos grupos indígenas na sociedade brasileira. O estudo seria realizado em perspectiva histórica e teria como base os registros dos primeiros contatos entre indígenas e não indígenas na documentação oficial do SPI, somados aos registros de campo de Ribeiro, entre 1949 e 1951.

Neste artigo,¹ analiso o estudo de Darcy Ribeiro chancelado pela Unesco na década de 1950 sobre o processo de assimilação dos indígenas à sociedade brasileira. Pretendo apresentar o cenário institucional em que Darcy Ribeiro estava inserido – o SPI – e sua metodologia de análise que uniu fontes oficiais, bibliografias de referência e observação de campo. Em certo sentido, busco demonstrar o cenário da antropologia indigenista do período a partir da produção intelectual de Darcy Ribeiro, com foco nas conclusões apresentadas no referido estudo à Unesco.

Para desenvolver tal argumento, apresento inicialmente uma breve definição da atuação da Unesco na década de 1950, sobretudo a partir da realização do “Projeto Unesco”. A seguir, discuto o processo de realização do estudo de Darcy Ribeiro, em perspectiva histórica, sobre a assimilação dos indígenas à sociedade brasileira e aponto suas principais conclusões.

Darcy Ribeiro e o estudo para a Unesco

Entre 1950 e 1951, a Unesco patrocinou uma série de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil, que ficou conhecida como “Projeto Unesco de Relações Raciais”. As análises foram desenvolvidas nas regiões Nordeste e Sudeste do país, com o objetivo de apresentar um panorama amplo da interação racial brasileira, considerada exemplar à época.

A Unesco, criada ao fim da Segunda Guerra com o objetivo de suscitar, em nível mundial, a união entre os povos e a valorização da cooperação internacional, buscava, ainda na década seguinte, alternativas e ações afirmativas para

¹ O texto é resultado de parte da pesquisa de doutorado realizada por mim sobre o tema, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, COC/Fiocruz (Brito, 2017).

transpor os horrores do Holocausto e do racismo crescente nos EUA e na África do Sul. É nesse contexto que se conforma o Projeto Unesco no Brasil, como analisa Marcos Chor Maio, ao justificar a escolha do país como palco dos estudos sobre as relações raciais naquele momento histórico, quando se procurava “uma espécie de antiAlemanha nazista, uma sociedade com reduzida taxa de tensões étnico-raciais, com a perspectiva de tornar universal o que se acreditava ser particular” (Maio, 1999, p. 142).

A imagem de democracia racial difundida no Brasil desde o século XIX, a partir de relatos de viajantes e cientistas, ganhou força com a definição sociológica de Gilberto Freyre (2004), na década de 1930, acerca da bem-sucedida relação entre as três raças formadoras do Brasil (o índio, o negro e o branco). Porém, estudos realizados no Brasil sob os auspícios da Unesco demonstrariam o contrário e revelariam um novo cenário social, “ao darem visibilidade à discriminação racial existente no país” (Maio; Santos, 1996, p. 9).

Nesse sentido, além de gerar um panorama amplo das relações raciais no Brasil, o Projeto Unesco teria contribuído para o “surgimento de novas leituras acerca da sociedade brasileira à medida que ofereceu aos analistas sociais uma oportunidade singular para o desenvolvimento das ciências sociais no Brasil dos anos 50” (Maio, 1999, p. 141-142). Entre os pesquisadores selecionados para participar desses estudos estavam: Charles Wagley, Thales de Azevedo, Roger Bastide, Florestan Fernandes e Luís Aguiar da Costa Pinto.

Nos estudos realizados no âmbito do projeto da Unesco, destacam-se aqueles voltados para a relação entre negros e brancos, tanto no Sudeste quanto no Nordeste do país, como têm demonstrado os estudos de Marcos Chor Maio, em sua importante contribuição para o debate em torno do desenvolvimento desse projeto e seus desdobramentos para as ciências sociais brasileiras. Ainda segundo Maio (1997), a princípio, a pesquisa tinha a intenção de estudar as relações entre negros, brancos e índios. Nesse contexto é que Darcy Ribeiro teria sido citado entre o *staff* da Unesco e os pesquisadores brasileiros, como candidato potencial para tratar do tema das relações entre índios e brancos, sendo ele formado pela ELSP e membro dos quadros do SPI naquele momento.

Antes do convite formal, porém, Alfred Metraux – chefe do Departamento de Ciências Sociais da Unesco, na época, e responsável pela contratação de cientistas sociais brasileiros para o desenvolvimento dos estudos sobre as relações raciais da instituição –, em carta enviada a Darcy Ribeiro, em 22/11/1951, já citava o desejo de tê-lo na equipe: “Espero que dentro de um ou dois meses você

possa colaborar em um estudo que sem dúvida o interessará e para o qual está particularmente bem preparado”.²

Apesar de fazer parte do horizonte de análises do projeto, a questão indígena ou a temática da assimilação dos povos indígenas não foi contemplada nessa etapa do projeto, denominado pela literatura como “Projeto Unesco”. Além disso, há registro de uma controvérsia em torno da indicação/convite de Darcy Ribeiro para a realização de tal estudo. Segundo Darcy Ribeiro, em carta a Herbert Baldus, em 21/4/1952, Alfred Métraux, mesmo depois de já o ter convidado para realizar o estudo sobre a relação entre índios e brancos, enviou uma longa carta a Heloisa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional à época, pedindo que ela solicitasse que Roquette-Pinto realizasse o trabalho. Ela, já sabendo do primeiro convite feito a Darcy Ribeiro, teria ficado “furiosa” com Metraux:

Ela crê que Metraux está certo de que Roquette não pode aceitar o trabalho e simplesmente aproveitou a oportunidade para fazer uns salamaleques, desculpando-se, assim, de um desentendimento que tiveram. Isto é pelo menos muito gozado, quanto a mim não aceito papel na palhaçada, briguem ou se beijem quanto queiram.³

Pesa-se o fato de que Roquette-Pinto possuía um papel de destaque no Museu Nacional e na antropologia da época, sendo ele muitas vezes solicitado por pesquisadores estrangeiros, sobretudo em relação aos estudos sobre a população sertaneja do país. De todo modo, Darcy Ribeiro aceitou o convite e deu início às pesquisas ainda no ano de 1952.

O estudo encomendado estaria diretamente relacionado a uma resolução que pautava uma série de novos estudos que representariam uma extensão ao projeto de pesquisa em torno das relações raciais já empreendidas no Brasil nos anos anteriores (1950 e 1951). Os objetivos desses novos estudos seriam:

empreender, em colaboração com os Estados membros, um inventário crítico dos métodos perante técnicas empregadas para facilitar a integração social de grupos que não participam plenamente da vida da comunidade nacional em razão de suas

² Tradução livre do original: “J’espere d’ici un ou deux pouvoir vous demander votre collaboration pour une étude qui sans aucun doute vous interessera et pour laquelle vous êtes particulièrement e bien préparé”.

³ Carta de Darcy Ribeiro a Herbert Baldus, 21/4/1952. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

características étnicas ou culturais ou sua recente chegada ao país⁴ (Resolução 3/22, Conferência Geral da Unesco, 1951 apud Wagley; Harris, 1958, p. IX-X).

No âmbito desse “novo programa de pesquisas”,⁵ o Departamento de Ciências Sociais da Unesco coordenou e financiou estudos em seis países (Brasil, Antilhas Francesas, Estados Unidos, Alemanha, Iugoslávia e México).⁶ Esses estudos tinham por objetivo analisar variados grupos chamados/considerados à época “minoritários” em seus ambientes sociais específicos, a fim de compor um quadro comparativo que valorizasse aspectos econômicos, sociais, educacionais, políticos e mesmo jurídicos dessas populações (Wagley; Harris, 1958). Os pesquisadores responsáveis deveriam compor relatórios, baseados nos estudos já realizados em torno da temática das relações raciais, a fim de ampliar a análise a partir de uma abordagem comparativa no âmbito da antropologia social, sobretudo em torno das temáticas relacionadas às chamadas “minorias” (Wagley; Harris, 1958).

Darcy Ribeiro, já antes cotado para participar da “primeira fase”⁷ dos estudos realizados no Brasil, o que denotava certo conhecimento de sua posição política e intelectual em torno da temática indígena brasileira, ficou responsável, nessa nova etapa, pela realização de um “estudo histórico e sociológico sobre a pacificação e a assimilação das populações indígenas do Brasil” (Wagley; Harris, 1958, p. 10).

4 Tradução livre do original: “To undertake, in collaboration with member states, a critical inventory of the methods and techniques employed for facilitating the social integration of groups which do not participate fully in the life of the national community by reason of their ethnical or cultural characteristics or their recent arrival in the country”.

5 Com o termo “novo programa de pesquisas”, refiro-me aos estudos realizados posteriormente aos concebidos pela literatura como “Projeto Unesco”, compreendendo-os em uma perspectiva de análise complementar aos já realizados.

6 Os estudos patrocinados pela Unesco nessa fase foram realizados pelos seguintes pesquisadores: Darcy Ribeiro (Brasil); Michel Leiris (Antilhas Francesas); Gabriele Wulker (Alemanha); Alfonso Caso (México); Harry J. Walker (Estados Unidos da América) e Milos Radojkovic (Iugoslávia).

7 Estudos que têm se dedicado à análise da trajetória de Darcy Ribeiro, são unânimes em afirmar a sua participação no chamado “Projeto Unesco”, o que não representa um erro de informação aos leitores. Porém, a partir da análise detida do material arquivístico e também de uma bibliografia sobre a conformação das pesquisas em torno da temática das relações raciais no Brasil, financiadas pela Unesco, torna-se necessário qualificar o momento da inserção de Darcy Ribeiro nesse projeto. Diante disso posso afirmar que a contribuição de Darcy Ribeiro à Unesco sobre as relações entre índios e brancos se deu em um contexto de pesquisas de ampliação do projeto original canceladas pela instituição ainda em torno da questão das relações raciais, no entanto, com o foco analítico nas ditas “minorias étnicas”.

Integração x assimilação

Como já pontuado neste texto, o contato/relação entre indígenas e não indígenas foi, desde as primeiras pesquisas de campo, uma preocupação de Darcy Ribeiro (1950, p. 27), já presente nos estudos sobre os kadiwéus, como no seguinte trecho de sua monografia: “Os kadiwéus que conhecemos, *embora vivendo uma vida quase idêntica a dos neobrasileiros da região [sertanejos], conservam sua consciência e seu orgulho nacional*” (grifo meu). Anos mais tarde, em “Testemunho”, Darcy Ribeiro (1990, p. 52) afirma o seguinte sobre o referido grupo indígena: “Neles eu vi um povo em si, orgulhoso de ser ele mesmo. Apesar de muito aculturados pelo convívio com a gente brasileira que circunda suas aldeias e até de muitos mestiçados com negros e com brancos, permaneciam eles próprios...”.

Nessa perspectiva de análise, Darcy Ribeiro aceita o convite de Alfred Métraux para iniciar as pesquisas para a Unesco. Em carta de 27/3/1952 a Herbert Baldus, Darcy fala sobre o convite, seu desconforto inicial em aceitá-lo e pede ajuda a seu mestre:

Métraux me encomendou um trabalho sobre a política indigenista do Brasil para a Unesco [...]. Preciso de sua ajuda para destrinchá-lo. Estou inclinado a aceitar a encomenda, embora saiba o peso da responsabilidade que assumo. Um balanço crítico sincero dos quarenta anos de atividade do SPI é tarefa difícil, mas também dolorosamente necessária. Só tomando consciência dos nossos erros e acertos poderemos assegurar uma vida melhor aos índios. O cipoal em que vou me meter é traiçoeiro, cheio de expectativas manhosas e de falácias, tudo envolvido em ideologias falsamente humanitárias, mas creio que vale a pena.⁸

Darcy Ribeiro conhecia a realidade do contato entre índios e brancos e da incapacidade do SPI em garantir a assistência necessária à sobrevivência e à manutenção cultural de grupos indígenas do país. Por isso, menciona o peso da responsabilidade de desenvolver um estudo sobre o tema para a Unesco, demonstrando como resultado a falta de estrutura do SPI e os perigos do contato interétnico para a manutenção da condição de indígena.

O estudo de Darcy Ribeiro foi composto por um levantamento bibliográfico extenso sobre o tema, além da análise de relatórios oficiais do SPI, de períodos

⁸ Carta de Darcy Ribeiro a Herbert Baldus, 27/3/1952. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

anteriores à sua atuação, além de pesquisas de campo com o objetivo de observar as relações estabelecidas entre índios e brancos, sobretudo aqueles que residiam nos arredores dos postos indígenas. O plano de estudos aceito para o desenvolvimento da pesquisa foi dividido em cinco partes:

1. Introdução: ligeiro histórico das relações entre índios e brancos no passado e seu reflexo sobre a legislação colonial.
2. Situação dos índios em 1910: as condições de vida da população indígena naquele ano. Grupos hostis resistindo à invasão de seus territórios nos estados do Sul e na Amazônia; índios arredios caçados por criadores de gado; índios escravizados por fazendeiros, coletores de produtos extrativos, etc.; missões religiosas; restos das diretorias de índios. Comissão Rondon e a tomada de consciência do problema indígena.
3. Serviço de Proteção aos Índios e localização dos trabalhadores nacionais: criação do serviço e seu desenvolvimento; assistência aos índios numa sociedade latifundiária. Os interesses e sua expressão ideológica; pacificação e assistência.
4. Processo de assimilação dos índios no Brasil: falácia de integração dos índios na comunidade nacional; a função social dos postos indígenas; aculturação e assimilação; condições sociais das tribos assistidas pelo SPI e pelas missões religiosas.
5. Problemas e diretrizes: o falso dilema da integração ou enquistamento; a nova política indigenista do SPI.⁹

O estudo uniu, portanto, registros de pesquisas de experiências anteriores junto aos índios guaranis, terenas, ofaiés e kadiwéus do sul de Mato Grosso; os tembés, guajajaras e urubus, dos vales do Pinaré e Gurupi no Pará e no Maranhão; e as análises inéditas sobre os grupos Borôro, Karajá, Caingang e Xokleng. Sobre as pesquisas, Darcy escreve a Oracy Nogueira (22/8/1952), em tom modesto:

Tenho trabalhado que não é sopa, felizmente trabalho bom que mais me entusiasma do que cansa a gente. Assinei o contrato com a Unesco e estou juntando material, você há de ver que riqueza, só carece mesmo é de um sujeito capaz de afeiçoá-lo, o diabo é a fraqueza do candidato. Além disso, o SPI me tem ocupado muito com seus problemas que, no caso, têm a vantagem de serem, também, material para a pesquisa.¹⁰

⁹ O esquema de trabalho para a realização do estudo para a Unesco foi anexado à carta de Darcy Ribeiro a Herbert Baldus em 27/3/1952, e aceito por Métraux, como revelado em carta de Darcy a Herbert, de 21/4/1952.

¹⁰ Carta de Darcy Ribeiro a Oracy Nogueira, 22/8/1952. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

Os “problemas” do SPI, mencionados na carta, são também fonte de análise do etnólogo, sobretudo no que tangia à mediação do órgão na garantia de terras e na questão do contato entre índios e brancos, também presente na carta enviada a Baldus (28/5/1952). Antes da redação final do relatório à Unesco,¹¹ Darcy escreve uma longa carta a Herbert Baldus (28/5/1952), narrando suas primeiras impressões sobre o tema em torno da dinâmica do contato entre índios e brancos. Inicialmente, ele trata de sua surpresa frente à qualidade das informações arroladas nos primeiros relatórios de atividade do SPI, sobre os quais afirma oferecerem “grande soma de informações preciosas”. Usando uma clara referência à teoria hegeliana, Darcy apresenta suas impressões sobre os conceitos de integração e enquistamento, justificando-as como um “falso dilema” – termo que utiliza no título do estudo que estava preparando para a Unesco. Segundo Darcy Ribeiro, o SPI não poderia optar por uma (integração) ou a outra (enquistamento). Em suas palavras:

Esta é uma forma falsa de colocar o problema. Podemos, quando muito, examinar a nossa atuação a fim de verificar se ela está contribuindo para uma coisa ou para outra, mas o completo controle deste processo é uma utopia. É tão ilusório e romântico procurar conservar os índios como amostra, desconhecendo que a mudança cultural e compulsória é inevitável, quanto procurar assimilá-los a toque de caixa.¹²

O argumento defendido por Darcy Ribeiro é de que o SPI, em sua história de atuação junto aos índios brasileiros, estimulou o quanto pôde a integração completa entre índios e brancos. Porém, essa integração se revelaria em interdependência, sobretudo econômica, e não em uma assimilação dos índios pela sociedade nacional. Ele continua a carta apresentando, de forma ainda inicial, sua tese acerca do contato entre índios e brancos, no seguinte trecho:

A meu ver precisamos distinguir claramente os conceitos de aculturação e assimilação. O primeiro processo se dá pelo simples contato direto e prolongado de duas culturas diferentes e envolve modificação substancial naquela que adota elementos da vizinha; o segundo processo é paralelo, mas desenvolve-se com um tempo próprio.

¹¹ O relatório final foi enviado à Unesco em 1953, porém, não encontrei nos registros arquivísticos do Memorial Darcy Ribeiro, ou no Museu do Índio, uma versão do original. Posteriormente, o resultado desses esforços constituiria a base para o trabalho intitulado *A política indigenista brasileira* (Ribeiro, 1962) que, mais tarde, no período de exílio, seria incorporado ao livro *Os índios e a civilização* (Ribeiro, 1970).

¹² Carta de Darcy Ribeiro a Herbert Baldus, 28/5/1952. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

Nossos grupos indígenas têm um equipamento civilizador cada vez mais parecido com o de nossos caboclos, mas conservam-se como índios, não identificando sua comunidade com as comunidades neobrasileiras com as quais entra[m] em contato. A assimilação se dá dentro de um esquema de relações da comunidade indígena com a estrutura econômica nacional. Para satisfazer necessidades novas criadas no processo de aculturação, a comunidade indígena tem de adaptar-se à nova economia, procurar um lugar nela, produzindo alguma coisa para trocar por aquilo de que precisa e que não pode produzir ela mesma.¹³

Para Darcy Ribeiro, o processo de integração entre índios e brancos é, geralmente, danoso aos índios, à medida que “nossa” estrutura social pouco poderia lhes oferecer. Para o etnólogo, a integração sem uma reflexão científica e comprometida resultaria em uma situação de miséria completa para grupos inteiros de índios. Há, portanto, nas palavras dele, uma descrença no processo de assimilação, ou mesmo no mito sobre a boa relação inter-racial vivida no Brasil, motivo pelo qual o país fora escolhido para sediar os estudos do Projeto Unesco e das pesquisas posteriores, com o foco nas ditas “minorias étnicas”. Sobre isso, Darcy afirma, na mesma carta a Herbert Baldus (28/5/1952), que: “O problema do índio (sua assimilação) só pode ser resolvido dentro de uma ampla solução dos problemas do povo brasileiro. Não há condições para a integração alegre e cordial com que Rondon sonhou. Os índios, embora aculturando-se cada vez mais, não estão assimilando”.

Ao fim dessa longa carta, Darcy apresenta seu diagnóstico acerca do contato entre índios e brancos e também sobre o papel do SPI diante desse processo:

Eis porque, a meu ver, o dilema é falso, não somos chamados a optar entre assimilação e enquistamento. O que nos cabe é assistir aos índios, protegê-los, elevar-lhes o padrão de vida, sabendo que serão cada vez mais semelhantes a nós em sua cultura, mas sem perspectivas de quando se dissolverão em nós ou se se dissolverão um dia. Vale dizer, nós podemos prolongar seu desaparecimento e, assim (quem sabe) permitir-lhes aguardar uma mudança em nossa estrutura social que possa permitir sua assimilação, ou lhes dê forças para reconstruir suas vidas em novas bases [...].

Em carta de 6/6/1952, Herbert Baldus responde a Darcy Ribeiro como responderia a um orientando, alertando-o sobre o tom polêmico que o título

¹³ Carta de Darcy Ribeiro a Herbert Baldus, 21/4/1952. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

escolhido (falso dilema) teria sido usado na apresentação dos estudos para a Unesco, e elogiando suas observações, além de indicar uma vasta bibliografia de referência, a fim de pautar sua contribuição em diálogo com uma literatura existente sobre o tema.

Após as revisões propostas por Baldus, Darcy encaminha a Métraux o relatório preliminar (Ribeiro, 1952) sobre as pesquisas realizadas. Na carta, Darcy faz referência a uma dificuldade cambial para o recebimento de seu pagamento pela Unesco e sugere que o mesmo seja realizado via cheque nominal, como teria sido feito para Costa Pinto, cientista social brasileiro que também teve suas pesquisas chanceladas por essa instituição em 1951, no âmbito do chamado Projeto Unesco:

Meu caro Professor Métraux,

Tenho o prazer de enviar o relatório preliminar de que trata o nosso contrato. Como todas as minhas relações com o Departamento têm sido por seu intermédio creio que ele deva ser dirigido ao senhor. Aguardava esta oportunidade para responder sua amável carta de 14 do corrente. Efetivamente, não consegui receber do Chase Bank o primeiro pagamento que me foi enviado pela Unesco e temo que seus bondosos esforços para resolver minhas dificuldades neste caso, não deem ainda, o resultado que desejamos. É que acabo de receber uma notificação daquele banco, idêntica a anterior e que, provavelmente, resultará no mesmo impasse: a imposição do pagamento em cruzeiros, pelo câmbio oficial, o que representaria para mim uma diferença de 7 para 13 cruzeiros. A única forma de resolver esta questão, para a qual já me acanho de pedir sua ajuda, tanto trabalho ela lhe tem dado, é conseguir que a Unesco faça um depósito da importância, em meu nome, na agência do Chase Bank em New York, ou, preferivelmente, enviar-me um cheque nominal contra aquela agência, como fez para o nosso amigo Costa Pinto [...].¹⁴

No referido relatório preliminar, Darcy reafirma seus objetivos com a pesquisa dispostos no plano de trabalho aprovado pela Unesco, porém faz uma ressalva quanto à escassez de dados presente na bibliografia selecionada sobre o tema, o que segundo ele seria “inteiramente compensada pela riqueza insuspeitável dos arquivos do SPI, que por si só, permitiram uma reconstituição realista da história da maioria das tribos que entraram em contato com agentes da sociedade brasileira nos últimos 40 anos” (Ribeiro, 1952, p. 2).

¹⁴ Carta de Darcy Ribeiro a Alfred Métraux, 30/11/1952. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

No relatório preliminar, Darcy Ribeiro enfatiza a importância de inserir uma apresentação histórica sobre o processo de criação e atuação do SPI, já que o resultado do mesmo seria destinado a um público estrangeiro. Em razão disso, o relatório final, intitulado *Política indigenista brasileira: o processo de assimilação dos índios do Brasil*, seria apresentado disposto em quatro itens: "I. Situação social dos índios em 1910; II. Rondon e a criação do SPILT; III. Processo de assimilação dos índios no Brasil atual; IV. A nova política indigenista no Brasil" (Ribeiro, 1952, p. 5-6).

Diante do amplo projeto de pesquisa proposto por Darcy, a elaboração do relatório teria demorado mais do que o previsto, como fica claro em carta para Métraux (1/10/1953):

Prezado Professor,

Lamento comunicar-lhe que me foi inteiramente impossível concluir o relatório sobre o processo de assimilação dos índios no Brasil, dentro do prazo de prorrogação que me foi concedido, embora tenha dedicado todo o meu tempo a essa tarefa não consegui levá-la a termo de modo lhe pudesse submeter o manuscrito para a publicação imediata. Bem sei que estou deixando de cumprir condição estipulada em nosso contrato de trabalho. Temia que isso sucedesse desde quando me decidi a fazer algo mais que um relatório sobre política indigenista brasileira, para realizar um estudo aprofundado do processo de assimilação dos índios do Brasil. Mas não fazia ideia da massa de dados que deveria compilar, sobretudo, da complexidade das conclusões a que cheguei. Algumas delas contrariam frontalmente certas interpretações que pareciam firmemente assentadas por historiadores, sociólogos e antropólogos que nos obrigaram a reverificar as fontes de informação. Nessas condições tenho a apelar novamente uma nova prorrogação até o fim desse ano.¹⁵

O relatório final do estudo, acompanhado de uma carta de Darcy a Métraux foi entregue em 4/12/1953:

Tenho a satisfação de encaminhar-lhe os originais de meu estudo sobre o processo de assimilação dos índios no Brasil, realizado sob os auspícios da Unesco. Duas cópias do mesmo, de acordo com a exigência contratual foram remetidas, em separado, por via marítima. Nessa oportunidade quero agradecer efusivamente a ajuda amistosa que me prestou durante a realização da pesquisa, tanto pelas sugestões sempre

¹⁵ Carta de Darcy Ribeiro a Alfred Métraux, 1/10/1953. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

oportunas como pelo esforço diligente de facilitar os adiamentos de prazo e outras providências administrativas de que necessitei. Foi um prazer trabalhar consigo, prof. Métraux e espero que esta não seja nossa última colaboração. Desejo que os resultados da pesquisa o compensem, ao menos em parte, do trabalho que lhe custou, desde os primeiros passos [...].¹⁶

Suas conclusões,¹⁷ no entanto, contrariavam a expectativa do Projeto Unesco que, segundo Maio (2000, p. 116), era “oferecer ao mundo lições de civilização à brasileira em matéria de cooperação entre raças”. Vale destacar, ainda, que não somente o relatório apresentado por Darcy Ribeiro, nessa nova fase de análises sobre a questão do contato e da convivência entre índios e brancos, não pôde ser balizado de forma positiva e/ou natural, como outros cientistas sociais selecionados para a composição dos estudos para a Unesco identificaram pontos importantes sobre a questão racial no Brasil, desmistificando a chamada “democracia racial brasileira”, idealizada por Gilberto Freyre (2004), e reafirmada por seus intérpretes ao longo do tempo.

Em carta a Alfred Métraux sobre os resultados apresentados no relatório final do referido estudo (20/6/1953), Darcy faz um resumo da questão do contato entre índios e brancos sob seu ponto de vista teórico-metodológico e explora o papel do SPI nesse contexto:

Ao contrário da opinião corrente a este respeito, tudo indica que nossos índios não estão se fundindo na sociedade nacional; ao invés disto, a tendência dominante é para conservarem-se como grupos tribais. O desenvolvimento do processo de aculturação que, teoricamente, deveria resultar na assimilação, não tem levado a ela. Continuam identificando-se e sendo identificados como índios. Grupos que só falam português ganham a vida pelos mesmos meios que a população sertaneja da região e só preservam da cultura original os elementos simbólicos, e, às vezes, nem estes, porque o que cultuam como tal, são elementos adotados de outros grupos indígenas e até mesmo de negros. A princípio imaginei que se tratasse de casos isolados, de resíduos não assimilados de uma população geral que se teria dissolvido na sociedade

¹⁶ Carta de Darcy Ribeiro a Alfred Métraux, 4/12/1953. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

¹⁷ Darcy Ribeiro não publicou esse estudo de forma sistematizada e sim diluída em artigos no livro *Os índios e a civilização*, publicado em 1970.

nacional. Entretanto, o exame mais detido da situação de todos os grupos com que o SPI está em contato, principalmente daqueles que têm sido descritos por observadores competentes como estando em franca assimilação, impôs a conclusão de que este seja o processo geral. São óbvias as implicações desta conclusão com respeito aos resultados da atuação do SPI: assegurando aos índios certas garantias, ainda que mínimas, como a posse da terra em que vivem e a possibilidade de se conservarem agrupados e de criarem seus próprios filhos, o SPI conseguiu salvá-los de um extermínio certo, mas ao mesmo tempo estancou com uma das fontes de ingresso dos índios na sociedade nacional [...].¹⁸

Para Darcy Ribeiro, as pesquisas realizadas para a Unesco acerca das relações entre índios e brancos revelaram um quadro abrangente sobre a questão do contato entre esses povos no país, ultrapassando os limites geográficos estipulados pelos grupos indígenas analisados no âmbito daquele estudo. Ao fim do levantamento bibliográfico e das observações em campo, Darcy estava certo de que os conflitos em torno do contato entre índios e brancos não se referia a casos isolados e sim representava a realidade dessa interação, como exposto no relatório de 1953 da SE:

o estudo de assimilação dos índios do Brasil de que fomos incumbidos reflete não somente nossa experiência direta de pesquisas anteriores junto aos índios guaranis, terenas, ofaiés e kadiwéus do sul de Mato Grosso, os tembés, guajajaras e urubus dos vales do Pinaré e Gurupi no Pará e no Maranhão, mas também observações de primeira mão sobre os grupos Borôro, Karajá, Caingang e Xokleng. Como estes grupos representam as principais variantes nas situações de contato entre índios e civilizado no Brasil nos foi possível delinear um quadro realístico das condições de vida dos índios do Brasil em geral e de seu lugar na estrutura social (Ribeiro, 1953, p. 8).

Em *Confissões*, Darcy fala mais uma vez sobre as conclusões dos estudos realizados para a Unesco na década de 1950, e afirma que as populações indígenas sofreram uma integração inevitável, sobretudo diante das demandas econômicas que avançam sobre eles, “mas essa integração não significa assimilação” (Ribeiro, 1997a, p. 191). Nesse contexto, a teoria da “transfiguração étnica” de Darcy Ribeiro ganha contornos mais expressivos, com diagnóstico assertivo:

¹⁸ Carta de Darcy Ribeiro a Alfred Métraux, 20/6/1953. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.

Em todos os casos que pude observar, nenhum grupo indígena se converteu numa vila brasileira [...]. Não houve nenhuma assimilação que transformasse índios em brasileiros. Os índios foram simplesmente exterminados através de várias formas de coação biótica, ecológica, econômica e cultural. Seu antigo habitat foi ocupado por outra gente, com a qual eles nunca se identificaram e que cresceu com base em outras formas de adaptação ecológica, tornando-se rapidamente independente de qualquer contribuição da comunidade indígena (Ribeiro, 1997a, p. 190-191).

No entendimento do autor, o conceito de “aculturação” não era capaz de elucidar a dinâmica do contato, da relação entre índios e brancos no Brasil. Por isso, sua proposta de análise tinha por objetivo aprofundar a questão, enfatizando o teor transacional do processo. Para Darcy Ribeiro (2010, p. 28), o conceito de transfiguração étnica era a “compreensão de que as culturas são imperativamente transformadas no confronto de umas com as outras”. Essa afirmação pode ser observada na relação entre grupos indígenas e civilização. Porém, na perspectiva de análise de Darcy Ribeiro, apesar de toda a violência com que o contato transforma/transfigura social, econômica e culturalmente os grupos indígenas, é possível observar a resistência das identificações étnicas originais. Verifica-se, portanto, numa vida ameríndia, por vezes “destribalizada”, ou seja, na forma de “índios genéricos”, de “caboclos” ou de “índios civilizados”: as chances de sobrevivência parecem crescer à medida que grupos progridem da condição de convívio permanente a integrados, porquanto são muito maiores os riscos de desaparecimento nas primeiras etapas (Ribeiro, 1970).

Considerações finais

O relatório final apresentado à Unesco sobre as relações entre índios e brancos na sociedade brasileira nunca foi publicado na íntegra. Uma parte condensada do relatório foi publicada por Charles Wagley e Marvin Harris, em 1958, como segmento do livro *Minorities in the New World: six cases studies*, sob o título: *The Indians in Brazil*. Nesse capítulo, os autores comentam e reproduzem partes do texto do relatório de Darcy Ribeiro sobre a questão do contato entre índios e brancos no Brasil, ao longo do tempo, sobretudo após a criação do SPI, em 1910. Por fim, retomam o diagnóstico do etnólogo acerca da questão indígena brasileira, do contato entre índios e brancos e do papel do SPI na assistência:

É um paradoxo estranho que o Brasil, um país conhecido em todo o mundo pela sua política e prática democráticas nas relações raciais, não tenha conseguido

proporcionar direitos e condições iguais aos seus índios tribais [...]. O contato com a civilização brasileira continua a ser altamente desastroso para a maioria dos grupos. Muitas tribos perderam, ou estão no processo de perder, suas terras. Sua cultura aborígene fornece-lhes poucas bases para a adaptação à complexa civilização moderna do Brasil, e o Serviço de Proteção aos Índios [SPI] raramente conseguiu protegê-los da exploração ou introduzir mudanças rapidamente o suficiente para evitar uma desorganização em sua vida tribal¹⁹ (Wagley; Harris, 1958, p. 44-45).

A questão central da análise de Darcy Ribeiro sobre as relações raciais entre índios e brancos no Brasil contemplava, portanto, temas como: a desorganização social, a ineficiência do SPI e a questão da terra, como fica claro no trecho supracitado.

Segundo Susana Viegas (2013), Darcy Ribeiro reelaborou, ao longo de sua trajetória intelectual, a questão do contato entre índios e brancos na sociedade nacional. Para a autora, os conceitos de integração e de transfiguração étnica somente se apresentaram de forma completa na obra *Os índios e a civilização*, na década de 1970, especialmente sob duas chaves distintas: a primeira através do conceito de “índio genérico ou índio civilizado”, aquele que após o contato com a sociedade nacional, perpetua-se em uma vida “destribilizada”; e a segunda na concepção de integração que “não segue um percurso assimilacionista” (Viegas, 2013, p. 3), configurando, assim, uma transfiguração étnica e não uma assimilação plena, ou seja, uma alternativa ao conceito de aculturação progressiva.

De fato, Darcy Ribeiro reelaborou e desenvolveu algumas perspectivas teóricas acerca do contato entre índios e brancos, sobretudo para a formulação da obra citada por Viegas (2013), como, por exemplo, o conceito de transfiguração étnica e a classificação do que chamou de “graus de interação” do índio à sociedade nacional – temas presentes nos capítulos finais e na conclusão da obra. Porém, a questão central de seu argumento já estava presente em suas análises na década de 1950, como procurei demonstrar através de seus relatórios ao SPI, das cartas trocadas com Herbert Baldus e com Metraux, e também das formulações presentes nos textos que compõem o relatório à Unesco, notadamente no

19 Tradução livre do original: “It is a strange paradox that Brazil, a country known throughout the world for its democratic policy and practice in race relations, has not been successful in providing equal rights and conditions for its tribal Indians [...]. Contact with Brazilian civilization continues to be highly disastrous to most groups. Many tribes have lost, or are in the process of losing, their land. Their aboriginal culture provides them with little basis for adaptation to the complex modern civilization of Brazil, and the Indian Service has seldom been able to protect them from exploration or to introduce change rapidly enough to prevent a disorganization in their tribal life”.

que tangia às formulações acerca da não assimilação plena do índio à sociedade nacional ao longo da história do contato entre índios e brancos.

Nesse sentido, destaco que o relatório apresentado à Unesco foi base importante para o desenvolvimento da análise antropológica de Darcy Ribeiro, sendo publicado em partes, sob a forma de artigos e de livros. A primeira publicação é de 1956, sob o título “Convívio e contaminação”, na revista *Sociologia*. Antes dessa publicação, o texto foi proferido na II Reunião Brasileira de Antropologia, em 1955, na cidade de Salvador, e publicado em seus anais, em 1957. Nesse mesmo ano, outro artigo baseado na pesquisa realizada para a Unesco foi publicado sob o título “Culturas e línguas indígenas do Brasil”, na revista *Educação e Ciências Sociais*, e também traduzido e reeditado em francês para o *Bulletin International des Sciences Sociales* e, em inglês, para o Institute of Cross Cultural Research.

Em 1962, mais uma parte do relatório foi publicada em forma de livro, intitulado *A política indigenista brasileira*. No mesmo ano, foi publicado ainda outro artigo, “The social integration of indigenous populations in Brazil”, pelo *International Labour Office Review*, de Genebra. Por fim, em 1970, alguns artigos foram publicados no livro *Os índios e a civilização*, nas partes II e III dessa coletânea. No prefácio à 7ª edição do emblemático livro, Darcy Ribeiro (1996) fala sobre os resultados obtidos nas pesquisas realizadas sob a chancela da Unesco e aponta suas conclusões como uma prova empírica de sua teoria de transfiguração étnica, desenvolvida a partir de suas observações em campo, somadas às análises bibliográficas e aos processos administrativos e burocráticos vivenciados por ele na década de 1950 no SPI:

A Unesco, entre 1950 e 1952, ainda menina, cheia de esperança de salvar o gênero humano, olhou para o Brasil. Viu extasiada o milagre de uma convivência humana fecunda e cordial. A democracia racial que alcançaria amorosamente negros e brancos no fabrico de uma mulataria esplêndida. E a alegre assimilação dos grupos indígenas, que, no encontro com as fronteiras da civilização, se converteriam em bons brasileiros. Felizmente não ficou na proclamação dessas conquistas humanas exemplares, como se fazia até então. Decidiu pesquisar o fenômeno criteriosamente, promovendo pesquisas de campo cuidadosamente projetadas. Implantou para isso equipes competentes de cientistas sociais [...]. O resultado foi um desastre. Constatou-se que em todas as regiões pesquisadas havia forte preconceito racial, que a vida de um negro, ali, era muito mais difícil pela carga de humilhações, descasos e todas as formas de discriminação que sofria [...]. A pesquisa com respeito à assimilação dos povos indígenas que me foi entregue, deu o mesmo resultado decepcionante. Nenhum grupo indígena jamais foi assimilado. É uma ilusão dos historiadores, que

trabalham com documentação escrita, a suposição de que havia uma aldeia de índios e onde floresceu depois uma vila brasileira, tenha ocorrido uma continuidade, uma se convertendo a outra. Em todos os casos examinados por nós, numerosíssimos, isso não sucedeu. Os índios iam morrendo, vítimas de toda sorte de violências, e uma população neobrasileira foi crescendo do antigo território tribal, onde implantou uma forma totalmente nova de vida e criou sua própria identificação étnica (Ribeiro, 1996, p. 11-12).

As considerações de Darcy Ribeiro sobre os processos de integração e de assimilação das populações indígenas à sociedade brasileira, formuladas por ocasião de suas pesquisas para a estruturação do estudo à Unesco, são marcadas por uma perspectiva fortemente pessimista. O prenúncio do desaparecimento de inúmeros grupos indígenas do país, a partir das múltiplas dificuldades das sociedades indígenas de sobreviverem como entidades socioculturais diferenciadas tornava-se factível à medida que sua análise avançava em perspectiva histórica.

Em um claro recurso crítico a uma vertente historiográfica e/ou ensaística, de interpretação do Brasil, desenvolvida entre o fim do século XIX e meados do século XX (Freyre, 2004; Holanda, 1995; Varnhagen, 1877; Viana, 1938) – que recuperou a raiz indígena brasileira, sob o enfoque dos processos contínuos e até inevitáveis da assimilação, do desaparecimento ou mesmo do esquecimento dessas populações –, Darcy Ribeiro chama a atenção para a violência escamoteada pela ilusão de uma integração sem conflitos entre indígenas e não indígenas na sociedade nacional. Destaca-se que o pessimismo de Ribeiro diante das condicionantes sociais e sanitárias de sobrevivência da população indígena no Brasil, em meados do século XX, não lhe era exclusivo; pelo contrário, era disseminado entre antropólogos, historiadores e indigenistas contemporâneos (Hemming, 2003).

Também a literatura que tem se dedicado ao tema da história das políticas indigenistas no Brasil, sobretudo anteriores à Constituição Federal de 1988, aponta para o domínio do discurso assimilacionista e o prenúncio do desaparecimento dos indígenas absorvidos pela sociedade nacional (Barroso-Hoffman et al., 2004; Santos et al., 2009; Souza Lima, 1995).

Como busquei demonstrar, o estudo de Ribeiro realizado para a Unesco, na década de 1950, foi base importante tanto para o seu argumento sobre o conceito de transfiguração étnica, quanto para uma discussão mais ampla no âmbito das ciências sociais em torno da relação entre índios e não índios no Brasil.

Referências

- ALMEIDA, M. W. B. A etnografia em tempos de guerra: contextos temporais e nacionais da definição do objeto da antropologia. In: PEIXOTO, F. A.; PONTES, H.; SCHWARCS, L. (org.). *Antropologias, histórias, experiências*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- BARROSO-HOFFMANN, M. et al. A administração pública e os povos indígenas. In: FALEIROS, V. et al. (org.). *A era FHC e o governo Lula: transição?* Brasília: Ed. Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2004.
- BRITO, C. A. G. *Antropologia de um jovem disciplinado: a trajetória de Darcy Ribeiro no Serviço de Proteção aos Índios (1947-1956)*. 2017. Tese (Doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.
- CARTAS DE DARCY RIBEIRO. Seção Correspondências, Arquivo Pessoal de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro. Fundação Darcy Ribeiro/Campus da UNB-Brasília.
- FIGUEIREDO, R. E. D. *Histórias de uma antropologia da "boa vizinhança": um estudo sobre o papel dos antropólogos nos programas de assistência técnica e saúde no Brasil e no México (1942-1960)*. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2009.
- FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.
- HEMMING, J. *Die if you must: Brazilian Indians in the twentieth century*. London: Macmillan, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.
- MAIO, M. C. *A história do projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese (Doutorado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- _____. *O projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, out. 1999.
- _____. *O projeto Unesco: ciências sociais e o "credo racial brasileiro"*. *Revista USP*, São Paulo, n. 46, jun./ago. 2000.
- RIBEIRO, D. *Religião e mitologia Kadiwéu*. [s.l.]: Edição do Serviço de Proteção ao Índio, 1950.
- _____. *Relatório preliminar sobre as pesquisas para a Unesco*. MDR, 1952. Série Indigenismo.
- _____. *Relatório da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios*. Relatório anual. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1953.
- _____. *Relatório da Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios*. Relatório anual. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1954.
- _____. *A política indigenista brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1962.
- _____. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- _____. *Testemunho*. São Paulo: Siciliano, 1990.
- _____. Prefácio. In: RIBEIRO, D. *Os índios e a civilização*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 11-12.
- _____. *Confissões*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997a.
- _____. *A história do projeto Unesco: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese (Doutorado) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997b.
- _____. *O projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, out. 1999.
- _____. *O projeto Unesco: ciências sociais e o "credo racial brasileiro"*. *Revista USP*, São Paulo, n. 46, p. 115-128, jun./ago. 2000.
- _____. *Falando de índios*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.
- SANTOS, R. V. et al. Saúde dos povos indígenas e políticas públicas no Brasil. In: GIOVANELLA, L. et al. (orgs.). *Políticas e sistema de saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Cebes, 2009.
- SOUZA LIMA, A. C. O governo dos índios sob a gestão do SPI. In: CUNHA, M. C. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do estado no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- VARNHAGEN, Adolfo. *História geral do Brasil*, tomo 1. Brasileira, 1877.
- VIANA, Oliveira. *Evolução do povo brasileiro*. São Paulo: Brasileira, 1938.
- VIEGAS, S. M. Darcy Ribeiro: uma visão transformacional da história. In: SIMPÓSIO CIÊNCIAS SOCIAIS

CRUZADAS (BRASIL-PORTUGAL). Lisboa:
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de
Lisboa, 2013.

WAGLEY, C.; HARRIS, M. *Minorities in the New World:
six case studies*. New York: Columbia University
Press, 1958.

Recebido em 31/8/2020

Aprovado em 28/4/2021